

MAGALHÃES, Laerte (Org). **Análise de discurso Crítica e Comunicação**: percursos teórico e pragmático de discurso, mídia e política. Teresina: EDUFPI, 2017. 246p.

Resenhado por Renata Rena Rodrigues¹
(Universidade de Brasília – UnB)

Trata-se de uma obra resultante da experiência do I Encontro Nacional - Discurso, Identidade e Subjetividade - (I ENDIS) realizado em abril de 2016 no âmbito da Universidade Federal do Piauí. O evento foi promovido pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Estratégias da Comunicação (NEPEC - PI), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí, com apoio do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Análise do Discurso (NEPAD). A obra aqui discutida conta com cinco artigos produzidos pelos conferencistas do encontro.

Laerte Magalhães, organizador da obra, sinaliza que a coletânea não é uma transcrição literal da fala dos conferencistas, contudo, todos os autores reunidos figuraram como participantes significativos do I ENDIS e ajudaram, assim, a justificar o título dado a obra: “*Análise do Discurso Crítica e Comunicação: percursos teórico e pragmático de discurso, mídia e política.*” O organizador da coletânea, no prefácio produzido, observa que evento que originou a obra em destaque buscou estimular o debate acadêmico científico entre estudantes, professores, pesquisadores e profissionais de comunicação e áreas afins.

Dessa forma, ampliou as discussões acerca dos estudos da linguagem a partir da difusão de trabalhos relacionados a essa temática, buscando, assim, inserir o Piauí no circuito de eventos relacionados à pesquisa sobre discursos. Para Laerte, o ENDES surgiu com o propósito de constituir espaço de reflexão e discussão de resultados de pesquisas realizadas em âmbito nacional mediante a utilização da Análise do Discurso (AD), especificamente a Análise Crítica do Discurso (ADC) como aporte teórico metodológico. O autor do prefácio enfatiza o fato de que a ADC ainda pouco conhecida no âmbito da pesquisa em comunicação o que oportunizou a importante presença de conferencistas pesquisadoras como Izabel Magalhães, Viviane de Melo Resende e Viviane Vieira, nomes de referência nacional e internacional em pesquisas fundamentadas na ADC.

Assim, na finalização de seu prefácio, Laerte afirma que a produção da obra “Análise do discurso e comunicação” completa o projeto inicial do I ENDIS que é a aproximação teórica entre os estudos críticos do discurso e a comunicação.

Como já mencionado, o livro se divide em cinco capítulos produzidos pelos autores conferencistas do evento os quais os intitularam por: “*Um Método de Análise Textual para o estudo*

¹ Doutoranda no programa de Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional na UNB. Mestre em Letras pela UFSJ. Especialista em Linguística pela UFV. Professora do CAp-Coluni UFV.

da Prática Social” (Izabel Magalhães – UFC/UNB/CNPq), “*Corpos e Identidades: debates em Análise de discurso Crítica e Ecofeminismo*” (Viviane Vieira – UNB), “*O ensino de Língua Portuguesa no 4º e no 5º anos do Ensino Fundamental: os Gêneros Discursivos como Estratégia*” (Expedito Wellinton Chaves Costa - IFCE), “*Discursos e representações sobre o acordo ortográfico na mídia brasileira e portuguesa*” (Michelly Santos de Carvalho – UESPI/FAR, Francisco Laerte Juvêncio Magalhães – UFPI) e “*Análise de discurso Crítica e comunicação: quem é Rafael Braga Vieira em o globo.com*” (Viviane de Melo Resende – UNB/ CNPq, Rosimeire Barbosa da Silva – UNC-PT). Isto posto, passaremos, então, ao comentário dos artigos produzidos para que possamos tentar contribuir com reflexões gerais em relação a produção dos autores e autoras do projeto.

O primeiro capítulo assinado por Izabel Magalhães tem por título “Um Método de Análise Textual para o estudo da Prática Social”, no qual a pesquisadora se propõe a debater um método para o estudo do discurso baseado na Análise de Discurso Crítica segundo os postulados de Fairclough (2003, 2010). A autora denomina sua abordagem analítica do discurso de pesquisa etnográfica-discursiva (p.16). Nas palavras de Magalhães, ao associar a metodologia etnográfica à análise textual do discurso, a etnografia discursiva oferece um instrumental poderoso para analisar o discurso em sua relação com a prática social, entretanto, a autora salienta que no capítulo aqui tratado ela usará a Análise de Discurso Textualmente Orientada (ADTO).

O primeiro capítulo da obra é dividido em quatro partes de forma clara e concisa. Na divisão proposta, verificamos a ocorrência de exemplos que elucidam as discussões teóricas trazidas por Magalhães. Na primeira parte intitulada de Antecedentes históricos, a pesquisadora procura registrar o significativo deslocamento no estudo do texto na análise do discurso. Observa a importante contribuição de Pecheux na década de 60 ao associar à semântica do texto o conceito de ideologia. Traz a importância da noção de interdiscurso, contudo destaca as críticas produzidas por Thompson e Fairclough a obra do autor (p. 18). Na sequência, faz apontamentos sobre a contribuição da Linguística Crítica na compreensão da noção de texto destacando a influência da obra Foucault a um grupo de linguistas de East Anglia, Reino Unido, denominados críticos.

Na segunda parte de seu texto, Magalhães faz apontamentos sobre a teoria sociosemiótica da Linguagem e a ADC. Destaca a importância da obra de Halliday (1978) para definição dos elementos principais de uma teoria sociosemiótica da linguagem: o texto, a situação, a variedade linguística do texto ou registro, o código, o sistema linguístico e a estrutura social. A autora faz uma discussão específica para cada elemento da teoria articulando marcos teóricos e práticos.

Na terceira parte do artigo intitulada significados do discurso, Izabel Magalhães retoma as três definições de discurso propostas por Fairclough (2009): elemento do processo social, a linguagem associada a um campo ou a uma prática social específica e uma forma de construir

aspectos do mundo associada a uma perspectiva social específica. Oportunamente, destaca o fato de que a obra de Fairclough (2003) é um avanço no sentido de que os três significados do discurso ligam textos de forma explícita ao mundo social.

Na última seção de seu artigo, Magalhães apresenta categorias textuais para o estudo do discurso: vocabulário, gramática, coesão, controle interacional, e gênero discursivo. Assim, a autora enfatiza o fato de que ao analisar textos é necessário escolher as categorias adequadas e relacionar a análise à prática social, destaca que a análise requer a articulação de categorias da linguística e os processos sociais de produção, distribuição e recepção de textos da mídia. Nesse sentido, defende a ideia de que a ADC é uma abordagem transdisciplinar envolvendo de um lado o conhecimento linguístico voltado para análise textual e de outro, as práticas sócio-teóricas de outras disciplinas.

No segundo capítulo do livro, Viviane Vieira traz a discussão de “Corpos e Identidades: Debates em Análise de discurso Crítica e Ecofeminismo”. Segundo a autora, seu objetivo foi compartilhar reflexões desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UNB como o projeto “Corpos e Identidades como práticas sociodiscursivas”. Seu texto é também dividido em quatro partes, as quais elucidam o leitor em relação a proposta do artigo.

A primeira parte do texto consiste na apresentação em linhas gerais do projeto de pesquisa. Vieira coloca que a proposta geral do projeto é estudar em diferentes práticas sociais aspectos dos modos de agir e se relacionar (inter-ações), dos modos de construir sistemas de conhecimento (representações) e dos modos de identificar a si e ao mundo. Para tal esforço, enfatiza seu marco teórico nas discussões teórico-metodológicas acerca do necessário diálogo transdisciplinar entre a Análise de Discursos Crítica de origem britânica e os estudos antropológicos, filosóficos, sociológicos de gênero social sobre o corpo/corporalidade com vistas a compreensão dos aspectos relacionados a inter-subjetivações.

A segunda parte do texto de Vieira é constituída por registros sobre Análise de Discurso Crítica e Eco-feminismos. É destacado o fato do discurso ser um dos momentos de práticas que possui seus próprios mecanismos em uma perspectiva dialética em relação aos demais momentos. Enfatiza que cada momento de prática internaliza os outros momentos sem ser redutível a nenhum deles (p. 55). Em relação ao ecofeminismo, observa um conceito de Warren (1987) que afirma que o “cuidado” é um conceito central para a vida humana, ao contrário do direito e da utilidade visto que o cuidado envolve os relacionamentos interpessoais e a consciência cultural que as questões morais requerem.

Na terceira parte de seu texto, Vieira discute um pouco a concepção de poderes e saberes do corpo. Para tal intento, recorre à obra de Foucault (2011) com suas reflexões sobre a microfísica do poder do autor. Assim, sinaliza o fato de que os dispositivos da obra de Foucault consistem em

relações de poder hegemônicas sustentadas por redes de ordem do discurso heterogêneas de saberes, com efeitos de subjetividade no social, a exemplo do dispositivo da sexualidade.

Como ultima parte do texto, Viviane aborda o dispositivo político da sexualidade se valendo de exemplos de discursos sobre a menstruação. Traz ao capítulo a voz de autores que se pronunciam sobre o aspecto da suposta “anormalidade” no fato da mulher passar por esse processo biológico mensal. Nesse sentido, traz como proposta o objetivo de análise de textos informativos/publicitários para o apontamento de um potencial para legitimar o consumo de medicamentos para suspender a menstruação, mas também várias crenças, valores, preconceitos e assimetrias de poder fundadas numa suposta desvantagem biológica das mulheres, o que poderia acarretar diversos efeitos de subjetivação situados.

Assim sendo, a autora chega a conclusão de que o dispositivo biopolítico atual da sexualidade calcula suas estratégias de relações de força produzindo, disseminando, sustentando seus saberes e sendo sustentados por eles, produzindo efeitos de subjetivação que são muito complexos e localizados nas tensões de permanência e resistência ao argumento biológico das supostas fragilidades e fraquezas das mulheres, o que já seria definido pelo corpo biológico. Contudo, nas resistências podem ser percebidos discursos contra-hegemônicos que se valem de argumentos para fazerem o contrário: mostrar que a força das mulheres está precisamente no corpo, problematizando a cadeia de legitimação da mulher=natureza=subalternidade.

O terceiro capítulo do livro de autoria de Wellington Chaves Costa trata do Ensino de Língua Portuguesa no 4º e 5º anos do ensino fundamental e os gêneros discursivos como estratégia. De forma mais ampla que os primeiros textos, Costa divide suas reflexões em sete partes trazendo diálogos teóricos e práticos em relação à temática que se propõe a discutir. Parte de um questionamento simples e direto de por que os usuários da língua materna não têm familiaridade com ela. Traz ao texto alguns elementos históricos na tentativa de responder a esse questionamento inicial. Termina essa primeira parte com a observação de que espera que profissionais e responsáveis pela aplicação das metodologias de ensino se apropriem dos conceitos de linguística em busca de aperfeiçoamento e atualização.

Na segunda parte, Costa traz reflexões sobre a relação entre professores, alunos e a evolução do conhecimento. Destaca que o que a prática vem refletindo ao longo dos anos não condiz com as expectativas dos que entendem e estão mais envolvidos com a história do ensino no Brasil. Defende que o desafio que se coloca na análise do histórico da produção de conhecimento, em especial ao trato com a língua e linguagem, é o de formar praticantes de leitura e escrita e não apenas sujeitos que decodificam o sistema de escrita.

Na sequência, na terceira parte de seu texto, Costa vai discutir algumas concepções de linguagem e influencia direta sobre o quê e como ensinar. Sinaliza o fato de que na década de 60 uma transformação conceitual propôs mudança nas práticas escolares. A linguagem deixou de ser entendida como expressão do pensamento para ser vista também como um instrumento de comunicação, assim, a contemplar a nova perspectiva, o acervo de obras estudadas foi ampliado, já que o formato dos textos clássicos não atendia a necessidade de produção da maioria dos gêneros.

A quarta parte do texto se constitui de uma escrita prática em que foi estruturada em perguntas e respostas, as quais na concepção de Costa, ajudariam o professor nas atividades de Língua Portuguesa. A semelhança dos aspectos didáticos imprimidos a quarta parte, a quinta traz exemplos práticos de como projetos, atividades permanentes e sequências didáticas poderiam ser úteis a prática docente.

Por fim, as partes seis e sete enfatizam os aspectos práticos do trabalho com linguagem do 4º e 5º ano do ensino fundamental ao proporcionar o debate sobre o processo de escrita e sua estrutura e o trabalho com gêneros como a charge. Costa termina por reforçar seu argumento de que para aproximar a produção escrita das necessidades cotidianas uma boa estratégia seria focar o desenvolvimento dos comportamentos leitores e escritores proporcionando aos alunos participação efetiva em atividades da vida social que envolvam ler e escrever.

O quarto artigo da obra, de autoria de Michelly Santos de Carvalho e Francisco Magalhães é o mais extenso. Em aproximadamente 95 páginas os autores refletem sobre Discursos e Representações sobre o acordo ortográfico na mídia brasileira e portuguesa. O objetivo desse capítulo, nas palavras dos autores, é o de observar o posicionamento da mídia sobre o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Foi proposta verificar como a cultura, os estereótipos sociais e as representações sociais da história de cada país influenciaram nas opiniões manifestadas nos materiais divulgados pelos colunistas da Folha de SP (Brasil) e Diário de Notícias (Portugal) à luz da Análise Crítica do Discurso, principalmente pelo modelo sociocognitivo de Van Dijk.

Carvalho e Magalhães, na primeira parte de seu texto explanam sobre o enquadramento geral da Análise Crítica do Discurso. Começam por um percurso histórico com a origem da Linguística Crítica e as contribuições recebidas por vários autores. Destacam, oportunamente, o fato de que os analistas críticos do discurso consideram o discurso como prática social em relação com outras práticas sociais, e desta forma, socialmente determinadas (p. 98).

Na sequência dessa primeira parte os autores elencam algumas categorias de análise para proceder às considerações sobre o discurso em relação ao Acordo Ortográfico na Folha de SP e no diário de Notícias. As categorias seriam ferramentas para análise de quais ideologias constituem os discursos desses jornais através de seus artigos de opinião sobre o Acordo Ortográfico e o papel

destes discursos na formação dos pilares essenciais que organizam as cognições sociais partilhadas pelos membros dos grupos sociais, organizações e instituições. Observa-se a escolha de categorias como lexicalização, metáforas, pressuposição e subentendido, ironia. Outros aspectos como nível de descrição, movimentos semânticos locais, tópicos, contexto, modelos mentais e tipos de argumentos baseados na estrutura do real foram observados como importantes para a detalhada análise que foi desenvolvida nos textos selecionados do Diário de Notícias (Portugal) e Folha de SP (Brasil).

A segunda e consistente parte do artigo corresponde à análise das categorias citadas e textos selecionados. Foram aplicadas, em grande maioria, as mesmas categorias para os dois jornais em questão. Através de excertos e passagens dos textos foi feita a análise minuciosa através das categorias, demonstrando, assim, as hipóteses dos autores.

Na conclusão de seu artigo, Carvalho e Magalhães afirmam que a maior parte dos colunistas do Jornal diário de Notícias é explicitamente contrária à reforma realizada pelo acordo ortográfico. Entretanto, nas palavras dos autores, alguns colunistas não exibem de forma direta seus posicionamentos. No caso dos artigos analisados no jornal Folha de SP, os argumentos contrários residem principalmente na crítica as regras estabelecidas pelo tratado na atitude precipitada do governo em implementar o mais rápido possível as modificações.

Assim sendo, para Carvalho e Magalhães o estudo realizado demonstrou que as posturas assumidas pelos colunistas dos jornais analisados estão muito além do ser favorável ou contrário, no caso português, interferem na sua percepção de identidade e na relação de poder com os outros países da CPLP, já no caso brasileiro, o tratado interferiria especialmente no âmbito educacional.

Por fim, o último artigo da obra denominado de “Análise de Discurso Crítica e Comunicação: quem é Rafael Braga Vieira em O globo.com?” é de autoria das pesquisadoras Viviane Resende de Melo e Rosimeire Barboza da Silva. O texto apresenta resultados parciais do projeto de pesquisa “Entre a justiça e os direitos humanos, o encontro da situação de rua com a lei e com a mídia: o caso Rafael Braga Vieira em diferentes gêneros discursivos”.

Na primeira parte do texto, Resende apresenta suas motivações pessoais para o envolvimento no projeto de pesquisa sobre o tema citado. A autora justifica ainda como se deu o início da pesquisa com a exploração do processo judicial que foi movido contra Rafael Braga Vieira, ator social protagonista das análises feitas nos textos do projeto.

De acordo com Resende, realizada a análise dos documentos dos autos do processo, passou-se aos textos publicados em O Globo. A pesquisadora destaca que base das análises será a análise discursiva crítica (FAICLOUGH, 2003; VAN LEEWEN, 2008, RAMALHO; RESENDE, 2011) de notícias e artigos de opinião veiculados no portal web do jornal O Globo. Assim, o objetivo do texto

seria analisar a representação de Rafael Braga Vieira nos textos a que se tem acesso no portal especificamente as oito matérias que noticiam fatos diretamente ligados ao caso de Rafael.

Na sequência, o texto foi didaticamente dividido em uma contextualização sobre o fato – A prisão de Rafael Braga Vieira em junho de 2013: uma breve contextualização –; Rafael Braga Vieira em O Globo on-line: organizando os dados e definindo categorias; e Rafael Braga Vieira em O Globo on-line: exercício analítico.

Na segunda parte do texto, a qual buscou definir categorias, as autoras organizaram as manchetes nas produções do Quadro 1 e já sinalizaram o fato de que os textos publicados especificamente sobre o caso de Rafael tematizam mais a justiça penal que as manifestações, contexto e motivo de sua prisão. Além disso, foi observado pelas pesquisadoras a questão na mudança paulatina nos modos de representar Rafael.

Na proposta do exercício analítico do texto, as autoras buscaram definir as categorias para analisar a representação de Rafael nos dados coletados. Afirmam que nos oito textos de O Globo, especificamente sobre o caso de Rafael, podem ser divididos em três grandes grupos: dois textos sobre a prisão, três textos sobre a condenação e três textos sobre a intervenção do Instituto de Defensores dos direitos Humanos no caso. Assim, após essa separação os textos foram analisados com base nas categorias analíticas de representação de atores sociais e intertextualidade.

Cada texto foi sucintamente descrito e na sequência analisados cautelosamente. Oportunamente, as autoras condensaram a análise linguística das categorias mencionadas em quatro quadros que didaticamente demonstram ao leitor excertos e recortes de materialidade linguística analisados.

Por fim, em suas considerações finais, Viviane e Rosimeire apontam que as análises focalizaram os modos de representação de Rafael Braga Vieira cujos textos retratam informações sobre procedimentos judiciais, e não sobre Rafael. Para as autoras, individualmente, Rafael Braga Vieira não interessa ao jornal. Sua história, sua voz não tem valor-notícia, não seriam pautas para o Globo.

Verificamos a ênfase das autoras no fato de que embora os textos de O Globo pareçam ser ambiente para diversas vozes (tribunal, sentença, laudo, defesa, polícia) na maior parte dos casos trata-se de uma recontextualização da polifonia de um só texto: a decisão judicial que acolhe a denuncia contra Rafael e é também “requeitada” no texto tantas vezes repetido da sentença. Os jornalistas responsáveis por narrar a história de Rafael em O Globo não parecem ter tido o trabalho de apurar os fatos ou de buscar uma variedade de fontes que pudesse garantir aos leitores uma mínima diversidade.

Desta forma, as autoras, no ultimo parágrafo do texto, destacam a relevante questão de que os modos de representação são caudatários muitas vezes de fontes viciadas que levam somente a voz da justiça e acabam por construir representações específicas de atores sociais que não corresponderiam a realidade.

Isto posto, o objetivo desse texto foi produzir algumas reflexões sobre a “Análise de Discurso Crítica e Comunicação”. Após breves comentários sobre a obra, espera-se que o leitor possa perceber na leitura a ser feita importantes contribuições do diálogo entre ADC e Mídia. Os autores, através de distintas escolhas teóricas e metodológicas, contribuem efetivamente para reflexão desse importante diálogo. Além do debate sobre ADC e mídia, pode também contar com a contribuição da reflexão pedagógica do trabalho com gêneros nas aulas de Língua Portuguesa, tendo como referência uma base teórica atualizada.

Tratar da temática da mídia no bojo dos estudos da linguística, mais especificamente sob o foco do discurso, é absolutamente interessante e desafiador. Nesse sentido, tal abordagem faz deste livro uma fonte rica e prática de pesquisa, por suas ferramentas de análise e suas contribuições teóricas-metodológicas, que deve ser amplamente utilizado por estudiosos da linguagem – em especial analistas do discurso – que buscam suscitar reflexões e debates sobre o uso da linguagem e suas diversas práticas.

Recebido em: agosto de 2017
Aprovado em: dezembro de 2017
renata.rena@ufv.br
[DOI: 10.26512/les.v18i3.7456](https://doi.org/10.26512/les.v18i3.7456)